

PARTIDO ALTO

Sen. PDS

A disciplina
partidária

JUTAHY MAGALHÃES

A disciplina partidária é essencial ao fortalecimento dos partidos. Uma agremiação não se fortalece com cada um dos seus membros exprimindo uma tendência. As decisões partidárias devem expressar, para isso mesmo, a média do pensamento dos parlamentares, dentro do programa que lhes cabe defender. Se cada deputado, ou senador, vota sem atender ao princípio de que as maiorias é que devem decidir, não há disciplina. O partido tende então a se enfraquecer, acabando por se tornar com tantos pensamentos quantos os brotados de cada cabeça. E isso não pode acontecer.

Temos, no Senado, um líder que respeitamos por suas excepcionais qualidades. Além de suas qualificações intelectuais, pessoalmente destaco a lhanza de trato com seus liderados. Por isso mesmo tem o Senador Jarbas Passarinho conseguido, dos seus companheiros, uma constante unidade de ação nos momentos mais difíceis de obter uma demonstração de coesão da bancada.

Os novos tempos da abertura política, com as mudanças institucionais que se tornam necessárias, fazem com que eu defenda uma maior participação dos parlamentares na política do partido majoritário. Sou favorável a que, em todos os assuntos políticos que estiveram em pauta para decisão do Congresso, haja uma reunião prévia da nossa bancada, para discussão da matéria e uma tomada de posição consentânea com a vontade da maioria. Algumas vezes temos posições que não estão de acordo com a orientação que recebemos. Neste momento o parlamentar tem que ter a oportunidade de, em reunião com seus companheiros, expressar pontos de vista divergentes para ver se os torna aceitos pela maioria, ou, vencido em suas opiniões, deve curvar-se à vontade dos seus companheiros. Assim, pode o parlamentar sujeitar-se, democraticamente, à opinião majoritária de sua bancada.

Como disse, defendo a disciplina partidária. O parlamentar, porém, só estará sujeito a esta disciplina na medida em que tenha o direito de defender suas opiniões divergentes perante seus companheiros. Isto não ocorrendo, deverá o parlamentar estar liberado de qualquer compromisso na hora da votação.

Não há mais lugar para o crer ou morrer. E os que têm razão para não crer não desejam ser fulminados. Nem devem.

Nas reuniões de bancadas a discussão há de esclarecer muita coisa. Os indecisos podem tomar uma posição consciente; os que pensam de maneira oposta podem acabar se convertendo ao julgamento da maior parte. Quando se busca, honestamente, uma solução ou quando o indivíduo se sente preocupado em encontrar a verdade, ou o melhor caminho, tem que estar com a alma aberta a todas as ponderações.

As reuniões de bancada, com a discussão ampla da matéria em pauta, seguida de uma decisão impedirão que a liderança venha a ser surpreendida à hora das votações. Não deve a maioria estar sempre em **suspense** em relação ao resultado de uma votação importante. Nós, do partido majoritário, não podemos nos preocupar com aqueles que nos chamam de subservientes quando damos uma demonstração de **coesão partidária**. **Aqueles poucos** que divergem são para os nossos críticos os "coerentes com suas raízes democráticas". Estes mesmos críticos são aqueles que defendem intransigentemente a **coesão partidária da Oposição**. Aqueles, do outro lado, que divergem da maioria são acimados de **trânsfugas, traidores, vendidos, adesistas e epítetos semelhantes**. Estas críticas não podem ser levadas em consideração, quando tomamos uma atitude de defesa da coesão da bancada majoritária.

Ninguém pode ser acusado por ter dado um passo atrás, após tê-lo dado à frente. A revisão de posições é normal na vida de todos os indivíduos, principalmente dos que integram a vida parlamentar.

Fatos novos, ou condições outras, podem fazê-los mudar de posição. Devem ter justificativas aceitáveis para a nova posição adotada, para que não se manche o seu retrato. Ruy foi um parlamentar praticamente perfeito. A coerência na sua ação é sempre destacada. Em mais de uma oportunidade, entretanto, ele teve que rever a posição adotada anteriormente. E não se diminuiu com isso.

Não tenho vocação para rebelde, mas não me conformo também com a posição de cordeiro. Faço questão de ser ouvido, que as minhas razões sejam levadas em conta. E não me sentirei diminuído se a liderança acabar me convencendo de que eu estava no caminho errado, ou os meus companheiros. E, como eu, acredito que todos os meus companheiros. A opção que fizemos pelo partido em que nos inscrevemos foi consciente. Convencidos de que se trata, como de fato o é, de um partido democrático. Idéias não foram feitas para serem impostas, mas para serem conscientemente adotadas.